



REVISTA
DE
CULTURA
VISUAL

Vicente, F. L. (2014). O Império da Visão: Fotografia no Contexto Colonial Português (1860-1990). Lisboa: Edições 70.

Leonor Sampaio da Silva

No volume organizado por Filipa Vicente, é possível reencontrar o interesse da historiadora pelo estudo de períodos e temas da história da cultura observados a partir da expressão artística, mais concretamente de documentos visuais. Numa linha de continuidade com trabalhos anteriores, este volume retoma a reflexão sobre a imagem como instrumento de conhecimento. Especialmente relevante para o estudo dos impérios e da vivência colonial, a cultura visual tem demonstrado ser uma ferramenta útil para se entender o quotidiano, ora capturado na sua espontaneidade natural ora representado com efeitos de encenação. *O Império da Visão* é disso mesmo um claro emblema ao dar a conhecer obras, autores e análises que demonstram tanto o interesse científico quanto o carácter empolgante e inovador das análises ancoradas no documento visual. O volume situa-se, assim, numa linha de reflexão que, embora tardiamente, tem vindo a crescer em Portugal e que a cada novo passo que dá estimula a ambição de desenterrar informação visual que tem estado escondida ou sido ignorada nos lugares públicos e privados onde aguarda pelo momento em que a sua chegada às mesas de trabalho dos investigadores logre acrescentar novas luzes ao conhecimento do passado.

Parte da ambição do projeto – estimular e facilitar pesquisas futuras – foi assegurada. Ao conciliar perspetivas teóricas sobre a fotografia em contexto colonial com o propósito prático de identificação dos espólios e arquivos fotográficos relacionados com o colonialismo português, os contributos dos investigadores, arquivistas e bibliotecários que se associaram ao projeto certamente beneficiarão todos quantos, a partir da base aqui constituída, iniciarem ou prosseguirem estudos neste campo. Por exemplo, estando este projeto centrado exclusivamente nos lugares públicos que acolhem documentação visual, fica sublinhada a necessidade de estender a pesquisa às



memórias e coleções privadas. De igual modo, visando a experiência colonial, convida a que outros olhares se deixem seduzir pelas imagens da descolonização.

Outra não menos importante ambição de um livro desta natureza – necessariamente heterogêneo nas suas perspetivas e metodologias, dado o elevado número de participantes que integra (trinta e um autores) – foi igualmente conseguida: oferecer uma leitura simultaneamente multifacetada e coerente de como a fotografia colabora ativamente na construção, na interpretação e na disseminação de identidades. A diversidade que o caracteriza evidencia-se nas quatro secções que o estruturam: a primeira, intitulada *Classificação/Missão*, ocupa-se de casos em que o dispositivo fotográfico se encontra com a antropologia; a segunda, *Conhecimento/Circulação*, mostra-nos a fotografia enquanto modo de mapeamento do mundo e instrumento de circulação do saber; na terceira parte, o par *Exposição/Reprodução* identifica o elo comum aos sete textos que a compõem, em que a fotografia é estudada enquanto objeto de exposição, de duplicação e de comunicação com outras linguagens visuais, como o cinema e a ilustração; finalmente, na quarta secção, os textos que se agregam em torno do par *Resistência/Memória* apresentam-nos o alcance social e íntimo dos documentos visuais, usados ora para representar ora para provocar conflitos, adotados ora para o combate ora para a intensificação de formas de opressão, constituindo-se ora como objetos estéticos ora como dispositivos de preservação da memória e de mitigação da saudade – e sempre inscrevendo na sua superfície uma grande variedade de possibilidades científicas, simbólicas, afetivas e emocionais.

A heterogeneidade dos olhares não impede, contudo, uma coerência estruturante ao longo das 503 páginas que constituem o livro. Ela manifesta-se na releitura do passado a partir do documento visual, na consciência sempre presente da relação que o visível mantém com o invisível, na fundamentação teórica das análises. A par disso, a disparidade dos testemunhos, das bases críticas e das abordagens recomendam cautela em face da tentação de se olhar para a “fotografia colonial” (expressão que tem vindo a ser problematizada na bibliografia da especialidade) de um modo único e generalista.

A propriedade mais saliente d’*O Império da Visão* é, no entanto, a qualidade pioneira que caracteriza esta obra, não só por incluir imagens pouco conhecidas do colonialismo português mas sobretudo por se constituir como a principal referência para o conhecimento da experiência colonial portuguesa a partir de documentos visuais (postais, ilustrações, fotografias) em diálogo com sensibilidades e metodologias diversas, e congregando saberes tão variados quanto os oriundos da história, das artes visuais, dos estudos culturais e da literatura.

Leonor Sampaio da Silva é Professora Auxiliar na Universidade dos Açores e membro integrado do CHAM (Centro de História d’Aquém e d’Além Mar). Doutorada em Cultura Inglesa, os seus interesses abrangem diversos setores da cultura contemporânea, incluindo literatura, tradução e artes visuais. É autora dos livros *Um Pacto com as Artes* (2010), *Laranjas, Dickens e São Miguel* (2010); co-autora de *Um Observador Observado* (2013) e de *Aquém em Além de São Jorge: memória e visão* (2014).

✉ maria.ls.silva@uac.pt